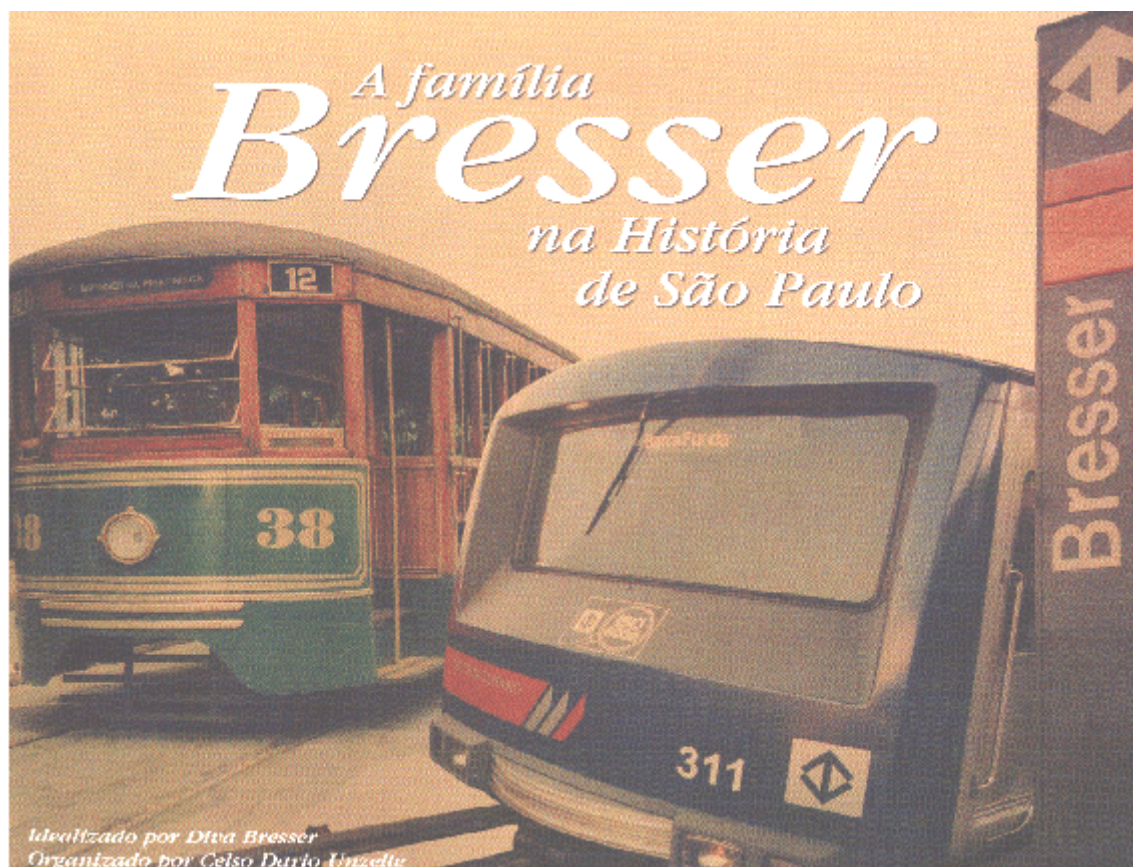


A Família Bresser na História de São Paulo

Idealizado por Diva Bresser

Organizado por Celso Unzelte

São Paulo: Editora Saraiva, 2003



Introdução

Bresser, hoje, é nome de rua, viaduto, estação de metrô, terminal rodoviário. Há, também, as vilas Gustavo Bresser e Júlia Bresser, nas proximidades da Rua Silva Teles, e a Vila Izaura Bresser, na Rua Cachoeira, todas no Brás — bairro ao qual a história da família de mesmo nome sempre esteve intimamente ligada. Existem ainda a Rua Professor Alfredo Bresser, no Tucuruvi, e a Escola Estadual Alfredo Bresser, na Rua Sumidouro, em Pinheiros.

Durante 35 anos (entre 18 de outubro de 1902 e 5 de dezembro de 1937), circulou pelas ruas paulistanas um bonde chamado Bresser. Eram cinco carros com o número 38, da fábrica inglesa Hurst Nelson, que percorriam quase nove quilômetros. O Bonde Bresser saía do Largo do Tesouro — e, a partir de 1920, do Largo da Sé —, passando pelas ruas General Carneiro, Gasômetro, Travessa do Brás, Piratininga, Visconde de Parnaíba, Hipódromo, Santa Cruz Bresser, Silva Teles, Maria Marcolina e Rangel Pestana. Hoje, um daqueles carros, recuperado de acordo com os padrões originais, ainda percorre, a título de passeio turístico, um trajeto de 600 metros entre o Memorial do Imigrante, na Mooca, e a estação Bresser do Metrô.

Emblemática, essa passagem do nome Bresser do bonde para o metrô mostra bem sua capacidade de resistir ao tempo. Quando foi inaugurado, em 23 de agosto de 1980, o trecho Brás/Bresser da linha Leste-Oeste do trem metropolitano de São Paulo também herdou o nome da família. Antes, pensou-se em “hipódromo” e “Ipanema”, outras denominações muito ligadas à região. Nenhuma delas, porém, tem a mesma força do nome Bresser. Segundo um relatório da Companhia do Metropolitano emitido à época, “além de breve e eufônico, [Bresser] indica com exatidão um determinado ponto de linha por se tratar de cruzamento. Tem também raízes históricas no bairro. [...] Conclusão: O título mais adequado é BRESSER. Tendo boas qualidades formais, indica com exatidão o local, sendo conhecido de grande parte da população da cidade”.

Bresser já foi, também, nome de ministro de Estado, Luiz Carlos Bresser Pereira (trineto do primeiro Bresser no Brasil). Entre outros cargos públicos, Bresser Pereira ocupou as pastas da Fazenda, durante o governo Sarney, em 1987, da Administração Federal e Reforma do Estado e de Ciência e Tecnologia, no governo Fernando Henrique Cardoso. Bresser era igualmente o nome do plano econômico levado a efeito por ele naquela oportunidade.

No entanto, apesar de toda essa notoriedade — e apenas para descrevê-la tomou-se mais da metade desta apresentação —, a história familiar dos Bresser jamais havia sido reunida em livro. Coube essa iniciativa à senhora Diva Bresser. Nos últimos anos, ela vem-se ocupando da difícil tarefa de coletar dados a respeito dos membros da família. O fruto desse árduo trabalho, agora, encontra-se reunido aqui: do patriarca Karl Abraham Bresser (seu bisavô, chegado ao Brasil em 1838) à quinta geração da família, mais de 700 nomes compõem esta obra, muitos deles com sobrenomes, datas de nascimento e de morte completos. Mais que uma árvore genealógica, trata-se de um verdadeiro tratado sobre os últimos 164 anos da história de São Paulo.

Nessa empreitada, a senhora Diva Bresser contou com o auxílio de muitas pessoas, entre as quais destacam-se Adelaide Ida Schneider, Antonio Augusto Bresser Ribeiro, Luiz Henrique Silveira, Maria Lúcia (Marilu) Milled Haspo), Nelson Zanotti, Pedro Sérgio Monteiro de Toledo e Sílvia Cristina Silveira. A eles e a todos os outros que colaboraram deve-se o resultado do livro que ora se encontra em suas mãos. Uma obra que, enfim, faz justiça à história de uma das mais tradicionais famílias paulistanas. E da qual eu, como jornalista e pesquisador, tenho a honra de participar.

Celso Dano Unzelte
Jornalista e organizador da obra

AS ORIGENS

A história da família Bresser no Brasil começa há 165 anos, a partir de uma carta. Datada de 15 de junho de 1838 e endereçada pelo então prefeito da cidade alemã de Krefeld ao major Johann Bloem, diretor-geral das Usinas Siderúrgicas do Império do Brasil, ela recomendava os serviços de Karl Abraham Breßer. Traduzida para o português, apresenta a seguinte íntegra:

O Prefeito de Krefeld ao Major Johann Bloem

O geômetra (agrimensor) sr. Breßer comunicou-me a sua decisão de viajar convosco, ilustríssimo senhor para o Brasil, a fim de ser empregado na construção de estradas e pontes de lá. Tão penoso que isso seja ora para mim, ver o sr. Breßer partir daqui, visto que os seus prestamentos são da mais essencial utilidade para a comunidade daqui, eu, todavia, tenho o maior prazer de fazer-lhe tudo que a seguir possa ser útil para o mesmo.

Sendo pouco familiarizado com as condições no Brasil, não sou capaz de julgar até que ponto os oferecimentos que lhe foram feitos são favoráveis em geral. Contudo, eu tenho a confiança em Vós, ilustríssimo senhor que, mesmo tendo de levar em conta a promoção dos interesses de seu governo, Vós considerareis, ainda assim, não menos sincera e calorosamente o bem de um cidadão da mesma cidade natal.

O sr. Breßer tem aqui o suficiente para viver; é casado e respeitado pelos seus concidadãos. Ele merece também esta benevolência, porque possui conhecimentos e habilidades bem fundados na sua especialidade e porque a sua conduta de vida se apresenta modular e realmente imaculada. Eu tenho, portanto, como a minha obrigação de avisar-vos, ilustríssimo senhor; a respeito das suas condições atuais, a fim de poder julgar com alguma certeza se o oferecimento feito irá corresponder às suas expectativas e esperanças.

Ao mesmo tempo, tomo a liberdade de recomendar o sr. Breßer à sua benevolência e aos especiais cuidados, porque, depois da experiência ao longo dos anos, ganhei a convicção de que Vós achareis nele um fiel, habilidoso e assíduo trabalhador.

De certo, seria, para ele e a família, de grande tranqüilidade, se, no infeliz acaso de sua morte prematura durante os anos sob contrato, Vós poderíeis garantir certa quantia à sua mulher pois temo que do salário não estará em condições de fazer grandes economias, indo a família, pobre e abandonada, dificilmente encontrar acolhida na pátria anterior.

Pedindo ainda uma vez a Vós, ilustríssimo senhor; como amigo mais velho cuidar paternalmente do sr. Breßer aproveito de bom grado o ensejo de expressar a minha elevada estima e devoção, tendo a honra de subscrever;

De Vós, Ilustríssimo Senhor;

Sinceramente seu

[a.] Leysner; Prefeito de Krefeld

Uma vez no Brasil — onde desembarcou do navio Clementina, com o visto de saída número 1842 —, Karl Abraham Breßer passou a assinar Carlos Abrão Bresser (a letra “β”, contração das letras “s” e “z” góticos em alemão, corresponde ao “ss” em português).

Até os 34 anos, Karl Bresser havia exercido sua profissão de agrimensor na pequena Krefeld, na Prússia, sua cidade natal, Atualmente, Krefeld, pertencente a Renânia do Norte-Vestfália, Estado mais populoso da Alemanha, conta com uma população de 243 mil pessoas. De Bresser, segundo depoimento posterior de seu neto Gustavo Augusto, dizia-se que ‘não era judeu, mas tinha a esperteza deles’.

Segundo alguns registros orais que foram transcritos ao longo dos anos, Carlos Abrão Bresser poderia ter aportado primeiro em Santa Catarina, em 1836. Mas o certo é que dois anos depois, em 1838, resolveu aceitar o convite do marechal Daniel Pedro (Peter) Müller (*1786†1841), primeiro diretor de Obras Públicas da Província de São Paulo, para ser instrutor de obras (major de engenheiros) naquela longínqua cidade, que, então, contava com cerca de 60 mil habitantes.

O marechal Müller era também de origem germânica. Nasceu no mar, foi educado em Lisboa, Portugal, e era filho do general João Guilherme Christiano Müller, nascido em Goettingen, na Alemanha, em 12 de maio de 1752. Pintor nas horas vagas, foi um dos assessores do imperador Pedro I, que, apenas 16 anos antes, havia proclamado a Independência do Brasil e governara o país até 1831. Uma antiga história transmitida oralmente pela família Bresser conta que, quando dos festejos do Grito do Ipiranga, em setembro de 1822, Pedro Müller teria trancado suas cinco filhas em casa, proibindo-as de sair à rua. Seu temor era que o próprio imperador se encantasse por uma delas, a mais velha e mais bonita. Pedro Müller morreu afogado no Rio Tietê, no dia 1º de agosto de 1841.

Eis, a seguir, a tradução em português do contrato de trabalho de Karl Bresser, redigido originalmente em alemão e assinado ainda em Bremen — antes, portanto, de ele vir trabalhar no Brasil.

Contrato de Serviço de C.A. Bresser

O contratado obriga-se, no período de cinco anos consecutivos, a projetar a construção da estrada, através das serras de Cubatão, Província de São Paulo, no Império do Brasil, esboçar projetos, fazer orçamentos e dirigir a construção.

O contratado obriga-se a dirigir e executar a construção dos fornos de cal, da serraria e do moinho, das olarias, das casas e das demais construções no caminho de cima.

O contratado obriga-se de observar toda a economia e de remeter todas as vantagens possíveis ao Estado, durante a sua contratação.

Em contraponto, o Governo da Província de São Paulo obriga-se a fornecer ao Sr Agrimensor C.A. Bresser:

- a) um salário de 1500\$000 ao ano, que será pago mensalmente;*
- b) uma boa e salubre e apropriadamente mobiliada moradia, para ele e para sua família;*
- c) passagem paga para ele e a família;*
- 4) ao término do presente contrato e cumprimento de todas as condições, o Governo se compromete a pagar ao Sr Bresser a quantia de cinquenta Lio St. Para a viagem de volta, caso não se concretize um novo contrato;*
- d) mais 25 Lio St. para a família, caso o Sr Bresser venha a falecer no país, o que, se Deus quiser; não venha a acontecer;*
- e) os cinco anos se iniciam assim que o contraente apresentar seus diplomas ao Governo de São Paulo, e o pagamento do salário se inicia quando o presente contrato for firmado; a partir desta hora o contraente obriga-se a atuar para o Governo de São Paulo.*

O presente contrato está autorizado pelo Pres. do Governo da Província de São Paulo. Engajado para construção de estradas no Brasil por cinco anos.

Bremen, 1^o agosto de 1838

Contratou comigo para servir Por cinco anos na fábrica das Estradas da Província de São Paulo

JBloem

Na tese de mestrado “Arquitetura Paulistana Sob o Império”, apresentada pelo arquiteto Eudes Campos à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1997, Karl Bresser é chamado de “engenheiro civil”. Na Alemanha, ele servira como major do exército. A serviço do cunhado-marechal Pedro Müller, e cumprindo o contrato inicial de cinco anos detalhado acima, Karl Bresser (agora já usando o nome Carlos Abrão) executou várias obras, a maioria delas importantíssimas para a expansão da cidade rumo ao leste. Segundo reportagem publicada na revista *Veja São Paulo* em 21 de abril de 1999, uma delas ainda resistiria de pé. Trata-se de um modesto sobrado na Rua Bresser, número 1652, onde um dos bisnetos de Carlos Abrão, Waldemar, morou até morrer, aos 82 anos, em 1998. Comprada pela Assembléia de Deus, maior igreja evangélica do país, a casa tornou-se posteriormente a residência de um pastor. No entanto, comparando-se o ano da morte do primeiro Bresser (1856) com o estilo da construção, parece pouco provável que Carlos Abrão tenha projetado a casa. Suas principais obras, comprovadamente, foram:

Ponte do Carmo — a primeira sobre o Rio Tamanduateí.

Ponte de Sant’Anna — no Rio Tietê. Sobre este trabalho, existe uma “Relação das madeiras para a ponte de S. Anna de S. Paulo” manuscrita pelo próprio Carlos Abrão Bresser, em que ele encomenda “56 vigas e 700 ripas”, entre outros materiais.

Retificação do curso do Rio Tietê.

Traçado de São Paulo para o serviço de gás — Estudo conservado no Museu Paulista (Ipiranga).

Primeiro matadouro municipal (1849) — Uma rústica construção de taipa, como a maioria das edificações paulistanas de então, destinada ao abate de animais. Ficava no bairro da Liberdade.

Primeira planta da cidade de São Paulo — Assinada por C.A. Bresser (sem data), nela consta uma das primeiras referências ao “Caminho para a Moka”, primitiva designação da atual Rua Piratininga, no Brás.

Reconstrução da Estrada de Lorena (ou estrada nova de Cubatão, depois chamada de Estrada do Mar) — Foi a maior e mais importante de todas as obras de Carlos Abrão Bresser no Brasil. Primeira ligação rodoviária entre São Paulo e o litoral, conectava a capital ao porto de Santos através de regiões pantanosas. Assim, as mercadorias não precisavam mais ser transportadas até o porto do Rio de Janeiro, a 400 quilômetros de distância, eram duas léguas sobre terreno alagadiço de ambos os lados, verdadeira façanha para a engenharia da época. Segundo a página 58 do livro *Brasil-Alemanha*, no capítulo “A História Alemã do Brasil”, a estrada teria sido concluída entre 1838 e 1839. Sabe-se, no entanto, que os trabalhos adentraram pelo menos até 1840. Existe uma carta datada daquele ano, em que Carlos Abrão Bresser pede ao então

presidente da Província de São Paulo, Rafael Tobias d'Aguiar, algumas orientações sobre as características da estrada a ser construída:

Illmo. Exm. Senr.,

A estimada ordem de Vsa. Exa. De 22 do corrente recebi hoje, e pelo presente queria eu pedir à Vsa. Exa. De me Indicar a largura e inclinação do caminho da Serra acima, porque disto depende a considerável diferença das despezas, e se o caminho deve ser feito para carros ou somente para animaes de carga, afim de escolher o sistema proprio à isto.

S. Paulo, 29 de Outubro 1840

Ainda sobre este trabalho, o nome de Carlos Abrão Bresser aparece em outro documento, encabeçando uma “Relação dos indivíduos engajados para os trabalhos da Serra do Cubatão”. Como “director”, ganhava 1.500\$000 por ano e tinha direito a um adiantamento de 200\$000 na chegada a Santos. Inicialmente, a estrada se chamaria Carlos Abrão Bresser, mas a Câmara Municipal, ao que parece por motivos políticos, preferiu dar-lhe o nome de Estrada do Vergueiro, homenagem ao senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro.

Carlos Abrão Bresser participou, ainda, das seguintes construções:

Hotel des Voyageurs — Sobrado erguido no Largo do Capim, ou de São Francisco, Tratava-se de uma “casa de sotéia”, coroada com um terraço de balaustrada,

Hotel Palm — Projeto de 1851, coberto por uma sotéia ou terraço, fato pouco usual para a época. Apresentava outros detalhes construtivos raros, como vidraças fixas na parte superior das janelas de guilhotina, ocupando um terço da altura do vão; chaves decorando as vergas ligeiramente recurvas; e bacia de forma arredondada na sacada, no canto cortado da edificação. Antes de se tornar um hotel, o sobrado foi habitado pelo próprio Carlos Abrão Bresser, que chegou a utilizá-lo como pensão, conforme mostra o seguinte anúncio publicado em jornal:

ANNUNCIOS

Para satisfazer o desejo de alguns Srs. Estudantes que morão longe da aula, e para o interesse pecuniário, e comodidade de muitos Srs. Solteiros me resolvi a mandar fazer almoço de manhã, q' terá lugar de 9 horas até meio dia, conforme o costume e gosto, inglez, francez, alemão, ou brasileiro: principiando no dia 14 de março, na casa de sotéa no sobrado n. 22 largo de S. Francisco. [...]

C.A. Bresser

Ainda para seu próprio benefício, Bresser iniciou a construção, em sua chácara, de mais de 200 casas e galpões, das quais ele próprio e seus descendentes passaram a explorar o aluguel. Além da chácara que levaria o nome da família, Carlos Abrão Bresser adquiriu, em 1846, por 100 mil réis à vista, um sitio e “terras adiante do Ypiranga”, que pertenciam a Leonardo Langenekhard e à sua mulher, Catharina Stein. Eis a íntegra da escritura:

Saibão quantos este Publico Instrumento de Escripura de venda virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos quarenta e seis aos dezoito dias do mez de Junho do dito anno nesta Imperial Cidade de São Paulo, em

meu Cartório comparecerão partes entre si havidas e contractadas, de huma como vendedores Leonardo Langenekhard e sua mulher Catharina Stein, e de outra como comprador Carlos Abrão Bresser que os reconheço pelos próprios de que dou fé, e pelos vendedores foi dito perante as testemunhas ao diante nomiadas e assignadas, que elles são senhores e possuidores de hum sitio, e terras adiante do Ypiranga desta cidade, com ua parte de vallos para o lado de São Caetano, dividindo por hum outro lado com terras de Dona Gertrudes Galvão de Oliveira Lacerda, e por outro lado com o rio Tamadoáthej, o qual sitio e terras assim, e da mesma forma que possuem livres e desembargadas vendião como de facto vindido tinhão a Carlos Abrão Bresser pela quantia de cem mil, que do mesmo havião recebido em moeda corrente deste Império, e de que por este Instrumento lhes davão plena e geral quitação para mais não repetir; e na pessoa dele Comprador cedião, e traspassavão toda a posse, jus, domínio, e senhorio que no referido sitio e terras tenhão para que possa lograr possuir vender ou doar, como suas que são, efição sendo de hoje para sempre, e se obrigão a fazer boa esta venda a todo o tempo que sobre ella haja qual quer duvida, pagando elle comprador a competente Siza; e por este foi dito que acceitava a presente Escriptura na forma nella declarada. E de como assim o dicerão, e outorgarão-me pedirão-lhes lavrace a presente nesta Nota que me foi Destribuida pelo Bilhete do theor seguinte acompanhado do Conhecimento de haver pago a competente Siza, - A Alvares Escriptura de venda que faz Leonardo Langenekhard e sua mulher a Carlos Abrão Bresser de hum sitio adiante do Ypiranga parte vallado, pela quantia de cem mil reis à vista, Siza paga pelo comprador São Paulo dezeceis de Junho de mil oito centos quarenta e seis - Cardim - Siza Collectoria do Destricto da Cidade de São Paulo. Anno financeiro de mil oito centos quarenta e cinco, a mil oito centos quarenta e seis - A folhas trinta e quatro verço do Livro de receita fica lançada a quantia de dez mil réis, que pagou o Senhor Carlos Abrão Bresser em dezaceis [sic] de Junho do dito anno de Siza correspondente a cem mil reis, importância por que comprou hum sitio adiante do Ypiranga parte vallado a Leonardo Langenekhard e sua mulher sendo paga a Siza pelo Comprador conforme a Destribuição que apresentou numero cento e vinte e bum - O Collector Jozé Manoel Lessa - O Escrivão - Antonio Alvez da Crus. Em consequência de cuja Destribuição e conhecimento de paga a Siza, lavrei a presente que sendo-lhes lida acceitarão e assignarão fazendo a rogo da vendedora por não saber escrever Domingos Antonio Gomes, com as testemunhas Capitão Francisco de Paula Salles e Jozé Fabiano Baptista reconhecidos de mim Emilio Jozé Alvares Tabellião que o escrevi.

Leonhard Langenekhard

Domingos Anto. Gomes

C.A. Bresser

José Fabiano Bapta.

Franco de Paula Sales

Sete anos depois, o mesmo terreno era vendido a Germano Yunker, por 200 mil réis, representando um lucro de 100%:

Saibão quantos este publico Instrumento de Escriptura de venda virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos cincoenta e trez aos treze dias do mez de Julho do dito anno, nesta Imperial Cidade de São Paulo, a meu Cartório comparecerão partes entre si havidas e contractadas, de huma como

vendedor Carlos Abram [sic] Bresser e de outra como comprador Germano Yunker, que os reconheço pelos próprios de que dou fé, pelo vendedor me foi dito perante as testemunhas ao diante nomiadas e assignadas que elle é Senhor e possuidor de hum sitio e terras sito no Moinho Velho estrada de Santos, que houve por compra feita a Leonardo Langenekhard e sua mulher cujas confrontasoens constão da Escriptura de Compra, que neste acto entrega ao Comprador, fazendo parte desta Escriptura, cujo sitio e terras possui livres e desembargadas, e assim e da mesma forma que as possuía, vendia, como de facto vendido tem a Germano Yunker pelo preço e quantia de duzentos mil réis, que pagará impreterivelmente no dia primeiro de Janeiro de mil oito centos cincoenta e quatro; e na pessoa do Comprador sedia, e traspassava toda a posse dominio, e senhorio que no referido sitio e terras tinha para que possa gozar possuir vender ou doam como coiza sua que é e fica sendo de hoje para sempre, e se obriga por seus bens afazer boa esta venda a todo o tempo que sobre ella haja qualquer duvida pagando o comprador a competente Siza. E por este foi dito que acceitava a prezente Escriptura na forma nella declarada. E de como assim o dicerão e outorgarão me pedirão lhes lavrasse a prezente nesta Nota que me foi destribuida pelo bilhete de Destribuição que me foi apresentado com o conhecimento da Siza, e são os seguintes - A Alvares - Escriptura de venda que fas Carlos Abram Bresser a Germano Yunker de hum sitio, sito no Moinho Velho, caminho de Santos pela quantia de duzentos mil reis, São Paulo doze de Julho de mil oito centos cincoenta e trez - Vasconcellos - Collectoria do Destricto - Anno financeiro de mil oito centos cincoenta e trez a mil oito centos cincoenta e quatro a folhas do Livro de Receita fica lançada a quantia de doze mil reis, que pagou o Senhor Germano Yunker em treze de Julho do dito anno de siza correspondente a duzentos mil reis importância porque comprou um Sitio no Moinho Velho, Caminho de Santos a Carlos Abram Bresser, paga a siza pelo comprador, conforme consta da Destribuição que apresentou - o Collector Manoel Joaquim de Ornellas. O Escrivão Antonio Alves da Crus. Em consequência de cuja Destribuição e Siza, lavrei a prezente, que sendo lhes lida acceitarão e assignarão com as testemunhas, Ezequiel de Moraes Santos, e Manoel Jozé Soares, reconhecidos de mim Emilio Jozé Alvares Tabellião que o escrevi.

C.A. Bresser

Hermann Junker

Ezequiel de Moraes Santos

No exercício de suas funções profissionais, Carlos Abrão Bresser parece ter sido um homem extremamente exigente com seus comandados. É o que se deduz pela carta a seguir, endereçada ao presidente da então província de São Paulo, o desembargador Manoel Machado Nunes, em que pedia punição a um funcionário rebelado:

Illmo. Exmo. Senr.

Levo ao conhecimento de V. Exa. Que hoje, pelas 8 horas da manhã, exegindo do feitor Manoel Machado Junior uma relação dos trabalhadores de sua inspecção este ameaçando-me ferirme com uma pedra, vociferou contra mim com gnomes mais injuriosos possiveiz; e disendo que não me reconhecia.

Ora, semelhante procedimento certamente animador da insobordinação e desrespeito, torna absolutamente incompatível a continuação de semelhante feitor nos serviços da estrada com as necessidades e boa ordem dos trabalhos, e até summamente

arriscado [...] Eu faço chegar ao conhecimento de V Exa. Afim de se darem as devidas providências convenientes, [...]

Cubatão, 15 de Fevereiro de 1840

C. A. Bresser

Director da Estrada Nova do Cubatão

Segundo sua certidão de óbito, Carlos Abrão Bresser era natural da Alemanha (teria nascido em maio de 1804) “onde era casado, não se me sabendo diser [sic] o nome da mulher, residente na Alemanha”. Outro documento, retirado do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, confirma que ele teria chegado ao Brasil acompanhado de uma certa Bibi (ou Berta) Bresser. O fato é que, uma vez aqui, Karl Bresser passou a viver com uma irmã do marechal Müller, Ana Clara Müller, austríaca de Viena, onde nasceu em 1º de março de 1813, Karl e Anna Clara tiveram cinco filhos: Carlos Augusto, Clara Albertina, Carlos Adolfo, Carlos Alberto e Carolina Augusta. Eles formaram a primeira geração dos Bresser nascida no Brasil (ver Capítulo 1). Em seu testamento, Carlos Abrão Bresser fez questão de legitimar os filhos, todos naturais, “como que se de legitimo matrimônio os houvesse tido”. Aliás, o fato de Carlos Abrão Bresser e Anna Clara Müller de início não serem legalmente casados o obrigou a lavrar algumas escrituras em nome dela, a fim de legitimar a posse de bens. Uma delas é a “Escriptura de Declaração” que se segue, destinada a garantir-lhe todo o gado existente nas chácaras do Brás e do Moinho Velho:

Escriptura de Declaração que faz Carlos Abrão Bresser a favor de Anna Clara Müller, como abaixo se declara.

Saibão quantos este publico instrumento de Escriptura de Declaração virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitto centos e cincoenta, aos dous dias de julho do ditto anno n'esta Imperial Cidade de São Paulo, em meo Escriptorio compareceu Carlos Abrão Bresser, e por elle me foi ditto em prezença das testemunhas abaixo nomeadas e assignadas que todo o gado vaccum existente na sua chácara da freguezia do Bras, e no Sittio dos Moinhos, petence exclusivamente à Donna Anna Clara Müller, que mora em sua companhia, por ser parte comprada com dinheiro da mesma, e parte por doação, e a fim de que a todo o temponão haja qualquer duvida a respeito faz esta declaração muito de sua livre e espontânea vontade, ficando por este modo tranqüila sua consciência. E de como assim dice e declarou, passei a presente Escriptura por me ter sido apresentado bilhete de Distribuição do theor seguinte – A Silva – Escriptura de declaração que faz Carlos Abrão Bresser, a favor de Donna Anna Clara Müller, como n'ella se declara. São Paulo, dous de julho de mil oitto centos e cincoenta - Vasconcellos – E sendo-lhe a presente por mim feita, e lida acceitou e assigna com as testemunhas presentes Manoel Jozé Soares e Honorato Jozé Gomes Prestes, reconhecidos de mim Jozé Rodrigues Tabelaão interino o escrevi.

C. A. Bresser

Manoel Jozé Soares

Honorato Jozé Gomes Prestes

Entre Carlos Abrão Bresser e Anna Clara havia um contrato formal de prestação de serviços domésticos. Primeiro feito a mão e, depois de nove anos, lavrado em cartório, no documento reproduzido a seguir:

Escriptura de Contracto que fazem Carlos Abrão Bresser e Donna Anua Clara Müller, como abaixo se declara.

Saibão quantos este publico instrumento de Escriptura de contracto virem, no anno do Nacimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oitto centos e cincoenta, aos dous de Julho do ditto anno n'esta Imperial Cidade de São Paulo, em meo Escriptorio compareceo Carlos Abrão Bresser que reconheço pelo próprio de que dou fé, e por elle me foi ditto em prezença das testemunhas abaixo nomeadas, e assignadas, que no principio do anno de mil oitto centos quarenta e um, ajustou-se com Donna Anna Clara Müller para hir tomar conta do governo econômico de sua caza, e administral'a completamente, obrigando-se elle outorgante a pagar-lhe annualmente a quantia de cento e cincoenta mil reis, a qual ficaria em poder d'elle outorgante até sua morte, ou até que a ditta Donna Anna Clara Müller não queira mais permanecer em sua caza; e como tivesse elle outorgante passado um papel de mão neste contracto n'aquella dacta, para maior segurança o confirma por esta Escriptura na forma sobredita, afim de ter todo o vigor e reproduzir os efeitos legais, ficando de nenhum momento aquelle papel particular E de como assim o dice, passei a presente Escriptura por me ter sido apprezentado bilhete de Destribuição do theor seguinte - A Silva - Escriptura de contracto que fazem Carlos Abrão Bresser e Donna Anna Clara Müller; como n'ella se declara. São Paulo dous de Julho de mil oitto centos e cincoenta - Vasconcellos - E sendo lhe a presente por mim feita, e lida, acceitou, e assigna com as testemunhas presentes, Manoel Jozé Soares, e Honorato Jozé Gomes Prestes, reconhecidos de mim Joaquim Jozé Rodrigues Tabellião interino o escrevi,

C. A. Bresser

Manoel Jozé Soares

Honorato Jozé Comes Prestes

Bresser teria sido, também, dono de cinco lotes de terra no Catumbi, posteriormente distribuídas pelo governo. Oito anos depois de sua chegada ao Brasil, em 1846, os primeiros pontos de iluminação pública, com lampiões alimentados com óleo e azeite, começaram a chegar ao bairro do Brás, onde a família havia se instalado em uma chácara, depois de breve estada na Avenida Tiradentes. Naquele mesmo ano, Carlos Abrão Bresser resolveu regularizar a documentação necessária para sua permanência no Brasil, conforme comprova a íntegra de documento do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, requerido junto ao presidente da então província, transcrita a seguir:

Aos 24 de julho de 1846 nesta imperial cidade de S. Paulo, e Paço da Câmara Municipal d'ella em virtude do Despacho do sñr. Presidente da mma. Major Francisco José de Azevedo profferido em dacta de vinte e quatro do corrente no requerimento de Carlos Abramam Bresser, cidadão prussiano, maior de vinte e um annos, no goso de seus direitos, como tal, reqdo. Provou com os documentos que junctou, compareceu o dº Bresser, e em presença do dº sñr. Presidente declarou que professava a Religião Catholica Protestante; que era natural de Crefeld na Prússia, que he casado com estrangeira, que tem nesta cidade de S. Paulo bens de rais, e que pretende fixar o seu domicilio no Brasil. E para constar se lavra o presente Termo em que assigna o declarante com o dº sr Presidente. Eu, Antº Je. Barbosa da Veiga, Secretário o escrevi.

(a) Azevedo

(a) Carlos Abrão Bresser

Conforme consta em sua certidão de óbito, Carlos Abrão Bresser morreu no dia 27 de março de 1856, aos 52 anos, de hydropezia – ou hidropisia, que o Dicionário Aurélio define como “acúmulo anormal de líquido seroso em tecidos ou cavidades do corpo”. Na época, não faltou quem relacionasse a *causa mortis* com a pneumonia adquirida durante a construção da estrada para o litoral, idéia que vem sendo transmitida ao longo do tempo no que se tem escrito sobre o primeiro Bresser no Brasil. Protestante de origem, católico praticante nos últimos tempos da sua vida, Carlos Abrão Bresser foi primeiro “absolvido” e, depois, batizado pelo reverendo católico Francisco Hermenegildo de Camargo. Sepultado no jazigo da Irmandade de São Benedito, na Igreja de São Francisco, em São Paulo, como irmão da Ordem Terceira do Carmo, ao lado do senador Feijó, teve todas as despesas com seus funerais pagas pelo imperador Dom Pedro II. Eis a íntegra de sua certidão de óbito, registrada no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo:

Carlos Abraham Bresser — Aos vinte sete de Março de mil oito centos e sincoenta e seis, nesta Freguezia faleceo de hydropezia com sincoenta e dous annos de idade [sic], Carlos Abraham Bresser natural da Alemanha, onde era casado, não me sabendo dizer o nome da mulher, residente na Alemanha: sendo Protestante foi absolvido pelo Reverendo Francisco Hermenegildo de Camargo, Subchante da Sé Cathedral, e depois de absolvido pelo mesmo baptisado, segundo declarou na informação que deo por escrito ao Reverendissimo Doutor Vigario Geral Anacleto José Ribeiro Coutinho, por despacho de quem de vinte oito do mesmo corrente mês de Março foi dada sepultura Ecclesiastica ao dito Bresser, que foi sepultado no jazido da Irmandade de São Benedito na Igreja de São Francisco, para onde foi conduzido em enterro solenne, e ahi solemnemente encommendado. O sito Bresser morava na freguezia do Bras.

(a) O Cura Marcelino Ferreira Bueno.

Depois da morte de Carlos Abrão Bresser, Ana Clara Müller (também conhecida como “Madame Bresser”) tornou-se locatária de várias propriedades, incluindo a chácara que se localizava na região da atual Rua Bresser, no bairro paulistano do Brás, vendia o que era produzido na chácara, tornando-se uma das mais famosas quitandeiras da então Rua das Casinhas. Suas reuniões mensais eram prestigiadas pela nata da sociedade paulistana de então. Faleceu vítima de encefalite, aos 77 anos (embora em sua certidão de óbito constem 78 anos), no dia 4 de fevereiro de 1891. Foi enterrada no Cemitério da Consolação, conforme o Livro de Registro de Termo de Sepultamento do referido cemitério, volume nº 14, à folha nº 326, registro reproduzido abaixo:

32049, Sepultura em terreno perpétuo a Rua 19 lado direito - 22 - Anna. Aos 5 dias do mês de Fevereiro de 1891 sepultou-se em terreno perpétuo à Rua 19, lado direito, nº 22 o cadáver de Dona Anna Clara Müller de 78 annos de idade, alemã, viúva, fallecida hontem as 2 horas da tarde de inciphalite. Attestado do Dr Randolpho Margarida da S.a. E o que certificou o Escrivão de Paz da Freguesia da Sé Ezequiel Paixão da S.a Guimarães.

São Paulo 5 de Fevereiro de 1891.

Em seu testamento, redigido no dia 13 de julho de 1850 (seis anos, portanto, antes de sua morte), Carlos Abrão Bresser havia deixado todos os seus bens a Ana Clara e aos filhos Carlos Augusto, Clara Albertina, Carlos Adolfo e Carlos Alberto. Carolina Augusta ainda não é citada naquele documento, uma vez que nasceria quase três anos depois, em 1853. Da íntegra do testamento do primeiro Bresser no Brasil podem-se, pela primeira vez, deduzir os nomes de seus pais, Christiano Germano Bresser e Elisabeta Himes. E confirmar o fato de que ele fora casado na Alemanha antes da sua união, já no Brasil, com Ana Clara Müller:

Saibam quantos este instrumento virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitto centos e cincoenta, aos treze de Julho do ditto anno n'esta Imperial Cidade de São Paulo: Eu Carlos Abrão Bresser, achando-me de saúde e em meu perfeito juízo e entendimento, deliberei fazer este meu testamento, e declarar minha última e verdadeira vontade pela maneira seguinte:

Declaro que sou natural d'Allemanha, filho legítimo de Christiano Germano Bresser, e de Elisabeta Himes, tãoobem naturais d'Allemanha, e ambos já fallecidos.

Declaro que deixo por meus Testamenteiros em primeiro lugar a Donna Anna Clara Müller em segundo lugar a Jacob Michels, e em terceiro lugar a Daniel Vedchen, aos quais peço, rogo queiram ser meus testamenteiros para cumprirem e fazerem se cumpram as poucas disposições que neste meu testamento passo a declarar, e para o que lhes deixo o prazo de dous annos para a conta, e caso não possa prestal'a no ditto prazo por alguns justos motivos, em tal caso rogo ao Juízo a que pertencer a conta da mesma haja de prorogar [sic] por mais tempo na forma da lei.

Declaro que deixo a Donna Anna Clara Müller toda a minha mobília, em recompensa a bons serviços que a mesma Senhora me tem prestado, no governo de minha casa.

Declaro que tenho os filhos seguintes: Carlos Augusto, Clara Albertina, Carlos Adolfo e Carlos Alberto Jacob, os quais sendo naturais, por esta verba os legitimo, como se de legítimo matrimonio os houvesse tido; e por isso os declaro por meus legítimos herdeiros de todos os meus bens, que ficarem, depois de cumpridas as minhas poucas disposições.

E por esta forma não tendo mais nada a declarar, dou por concluído este meu testamento, em que com toda liberdade hei expressado a minha última e verdadeira vontade, e para que em tudo seja valioso, peço as Justiças d'este Império lhe dêem, e façam dar tão preciso quão completo vigor; e roguei ao Segundo Tabellião interino d'esta Cidade Joaquim José Rodrigues por mim escrevesse, em razão de não ter expediente para o fazer, que depois de escrito, sendo por mim lido, e achando-o conforme havia dictado, o assignei pelo meo próprio punho, n'esta Imperial Cidade de São Paulo: aos 13 de Julho de 1850.

C.A. Bresser

Em 27 de março de 1856 — dia da morte de Carlos Abrão Bresser, segundo a certidão de óbito —, o testamento foi aberto na residência do Doutor Juiz Provedor Joaquim Ignácio Ramalho. Por esse documento, Bresser teria falecido às oito horas da noite do dia anterior, 26 de março, “em sua casa, sita no largo de São Francisco”.